

## A Fotografia no Instagram e as Sobrevivências do Sagrado na Contemporaneidade<sup>1</sup>

Ana Taís Martins Portanova BARROS<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

O tema desse trabalho é a sobrevivência de aspectos do arcaísmo mítico na contemporaneidade, detectável em produções midiáticas como as fotografias compartilhadas no Instagram. Escolhemos como material de estudo fotografias publicadas no Instagram marcadas com a hashtag "sagrado". A partir da análise das nove fotografias indicadas pelo aplicativo como as mais populares entre as que foram marcadas com a hashtag, inferimos as possíveis associações que os usuários fazem com a noção de sagrado, contrastando-as com as hierofanias alinhavadas por M. Eliade em sua obra. Concluímos que as fotografias examinadas podem indicar a sobrevivência de arcaísmos no desejo explicitado de fuga do tempo, conhecido como *terror da história*, característico do pensamento mítico.

**Palavras-chave:** comunicação; imaginário; instagram; sagrado.

### 1. Introdução

A fotografia é uma imagem técnica de rápida produção; apenas poucos centésimos de segundos decorrem entre ver e decidir apertar o botão do dispositivo fotográfico que vai registrar a cena. Hoje, a essa velocidade de produção soma-se o compartilhamento extremamente fácil da fotografia. Certamente, a inflação de imagens a que se referiu Durand em 1994 tem conhecido seu paroxismo nesses tempos em que cada usuário das comunicações é não só receptor de mensagens, mas também um potente emissor. Sim, pode-se dizer que a banalização da imagem técnica contribui para o esvaziamento da imagem simbólica; no entanto, qualquer fenômeno massivo deve ser observado com atenção, pois certamente é sintoma de algum outro importante evento do imaginário. No caso, como já afirmamos em outro lugar (BARROS, 2009), a inflação de imagens técnicas pode não ser simplesmente resultado do esvaziamento do simbolismo e sim também uma reação a esse esvaziamento, uma tentativa de compensar em quantidade a qualidade que está se enfraquecendo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora do PPGCOM/UFRGS, líder do grupo de pesquisa Imaginalis (<http://imaginalis.pro.br>), email: [anataismartins@hotmail.com](mailto:anataismartins@hotmail.com).

Neste artigo, nos propomos a examinar o processo de esvaziamento/ compensação do simbólico em geral e do sagrado em particular num locus que privilegia o compartilhamento massivo de imagens técnicas pessoais, particulares: o Instagram, rede social especializada em fotografias e vídeos. O Brasil ocupa no Instagram a segunda posição, com 29 milhões de usuários,<sup>3</sup> atrás apenas dos Estados Unidos, que conta com 100 milhões de um total mundial de 400 milhões de usuários.<sup>4</sup> Trata-se de um aplicativo para telefones celulares que permite produzir e distribuir fotografias e vídeos disponibilizados aos demais usuários do mesmo aplicativo. A publicação da imagem pode ser acompanhada de *hashtags*,<sup>5</sup> recurso que é geralmente usado para aumentar as possibilidades de a imagem ser visualizada por um maior número de pessoas. Podemos inferir, assim, que as fotografias (e vídeos que, não obstante, não serão objeto de nossa atenção nesse trabalho) são rapidamente produzidos e compartilhados no Instagram, rapidez essa capaz de indicar impulsos; o desejo de que a expressão desse impulso seja conhecida por um grande número de pessoas é traído ao mesmo tempo pelo alcance da rede social escolhida e pelo uso de *hashtags* que potencializam a visibilidade da publicação.

Os princípios heurísticos com os quais trabalhamos são os seguintes: a produção simbólica tem precedência sobre os demais modos de operação do imaginário, racionalidade incluída (DURAND, 2011); o imaginário possui vários níveis e formas de manifestação, desde as mais universais e menos numerosas até as mais particulares e numerosas, comparáveis à estrutura raízes - tronco - folhas de uma árvore (WUNENBURGER, 2002); o mito é uma das formas de organização de imagens simbólicas mais próximas do subsolo original e incognoscível, articulando um "primeiro esboço de racionalização" (DURAND, 2011) com o símbolo indizível; o mito é, ainda, a primeira aparição do sagrado (ELIADE, 1992a); o sagrado, sentimento nascido diante do inteiramente desconhecido (OTTO, 1985), é elemento ordenador do caos (ELIADE, 1992b).

---

<sup>3</sup> O que significa 14% da população brasileira, que contava com 204.450.649 de pessoas em 2015, segundo dados publicados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no Diário Oficial da União em julho do mesmo ano.

<sup>4</sup> Segundo dados divulgados pela empresa em setembro de 2015, conforme informado pelo site <http://idgnow.com.br/internet/2015/11/09/brasil-supera-marca-de-29-milhoes-de-usuarios-no-instagram/disponiveis>, consultado em 28 abr 2016.

<sup>5</sup> *Hashtags* são palavras-chave antecedidas do sinal #; este sinal transforma a palavra-chave em um hiperlink indexável, localizável através dos mecanismos de busca automática da internet, possibilitando que outros usuários cliquem sobre elas ou encontrem a publicação que ela acompanha ao digitá-las em um buscador.

## 2. Centralidade da mídia

Otto (1985), ao explicar os sentidos da palavra *sagrado*, sublinha que ela indica "[...] interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso" (p. 11). Eliade (1992b, p. 17, grifos do autor) relativiza essa ressalva, introduzindo o termo *hierofania*:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo *hierofania*. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que *algo de sagrado se nos revela*. [...] Encontramos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo de "ordem diferente" - de uma realidade que não pertence ao nosso mundo - em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo "natural", profano".

Para Eliade (1992b), sagrado e profano se complementam; isso torna possível verificar os rastros do sagrado no cotidiano banal. Não obstante, as ilações de Otto são úteis para a compreensão de aspectos vinculados ao sagrado que podem eventualmente encontrar meios de objetivação nas produções culturais, profanas.

O numinoso, em Otto, é alheio aos elementos racionalizáveis do sagrado; é um "sentimento de ser criatura" que leva à "diminuição e aniquilamento do eu" (OTTO, 1985, p. 55), mas não pelos motivos que usualmente associamos à auto-depreciação, como a avaliação moral, a consciência de ter cometido alguma transgressão, e sim pela "[...] presença do *numen*" (OTTO, 1985, p. 55) que traz a "consciência da profanidade absoluta" (OTTO, 1985, p. 55). Ora, se o *numen* provoca a clareza acerca do profano em seu mais alto grau, o profano é necessário para se alcançar o *numen*, pois o sagrado só poderá possuir esse atributo em meio ao profano. Assim, longe de se repelirem, sagrado e profano formam uma indissolúvel *coincidentia oppositorum* que somente às custas de um grande esforço racional será cindida.

É nesse caminho de construção da inteligibilidade do sagrado que se inscreve o mito.

Em vários de seus estudos, Mircea Eliade (1992a; 1992b; 1994; 2000;) postula, senão mostra, a continuidade, na vida contemporânea, das mitologias arcaicas. Sabemos que o mito não se apresenta hoje da mesma maneira que nos primórdios; embora ele sobreviva ao processo de racionalização que o expulsa da vida alegadamente civilizada, há modificações importantes nos seus modos de se apresentar, modificações essas que não se ligam todas à escolha da racionalidade em detrimento de outros saberes, mas que fazem parte de um ciclo (latência - surgimento - fortalecimento - decadência - latência) ao qual o dinamismo social submete o mito, como mostra Durand (1996).

Não é de hoje que se afirma a centralidade da mídia no prolongamento contemporâneo das mitologias arcaicas. Já na década de 1960, Eliade identificava uma versão moderna dos heróis mitológicos nos personagens de histórias em quadrinhos. Os estudos sobre a televisão realizados por Cazeneuve (1974) poucos anos depois davam conta da eficácia desse meio para a narração de conteúdos mitológicos. No Brasil, em 1982, Rosa Maria Bueno Fischer (1993) desenvolveu, na área da Educação, talvez a primeira pesquisa brasileira relacionando a comunicação de massa à sobrevivência de mitos e ritos na contemporaneidade. Atualmente, é senso comum nos estudos de Comunicação brasileiros afirmar o papel mítico da mídia, mas ainda há muitas consequências a serem tiradas dessa afirmação e, sobretudo, é necessário um esforço para escapar à desgastada oposição entre apocalípticos e integrados (ECO, 1976): ou bem as pesquisas constataam que o mito é uma realidade falsa, construída ideologicamente para manipular as massas, num arremedo das teorias do discurso na trilha de Barthes (1999), ou bem acreditam que o mito na mídia resolve os desequilíbrios do imaginário, conforme uma mal compreendida fenomenologia do imaginário proposta por Maffesoli (1995; 2008; 2012).

Eliade (2000, p. 20) destaca que o processo civilizatório se deu a partir da laicização dos mitos, pois "[...] as sociedades modernas definem-se como tal, justamente pelo facto de terem levado bastante longe a dessacralização da vida e do cosmos"; no entanto, o sagrado, enquanto constante antropológica, não é facilmente extirpável do humano, de modo que "[...] a novidade do mundo moderno traduz-se por uma revalorização ao nível profano dos antigos valores sagrados" (ELIADE, 2000, p. 20). É nesse sentido que a mídia pode se apresentar como um novo centro do mundo, conforme Contrera (2005), e que os valores sagrados, embora possam estar apartados do numinoso, ainda são detectáveis nas práticas socioculturais contemporâneas através das hierofanias.

A imagem simbólica do centro é um bom indício dessa sobrevivência do sagrado no seio do espaço profano, mas o sagrado tem também sua temporalidade própria, indiferente à história. O tempo mítico é um tempo *sui generis*, pois não tem antes nem depois. Nas profundezas de seu espírito, o homem moderno também vive o terror da história e tem a nostalgia do tempo mítico no seu horizonte. Há alguns sintomas sociais disso que podemos notar na cultura contemporânea. Eliade, ao longo de sua obra, de modo mais ou menos esparso, aponta vários deles; nos deteremos, aqui, em dois indicadores desse desconforto contemporâneo com a história: a imitação de modelos e a busca por evasões (distrações, espetáculos).

A imitação de modelos é "[...] uma tendência que se pode chamar, de uma forma geral, humana, a saber: transformar uma existência em paradigma e uma personagem histórica em arquétipo" (ELIADE, 2000, p. 25). Para o autor, a imitação de modelos aponta para um descontentamento com a história pessoal, local, uma vontade de transcender o seu momento e aceder a um tempo em que as coisas tenham o frescor dos inícios.

A laicização dos mitos colocada em curso pela história redundante na dessacralização dos atos humanos que repetiriam os gestos dos deuses através do "trabalho, do amor, da guerra". A esse respeito, Eliade (2000, p. 29) afirma:

A autêntica 'queda no tempo' começa com a dessacralização do trabalho; é apenas nas sociedades modernas que o homem se sente prisioneiro da sua profissão, porque já não consegue escapar ao tempo. [Por isso] esforça-se por 'sair do tempo' nas suas horas livres; donde o número vertiginoso de distrações inventadas pelas civilizações modernas.

Eliade escreveu essas palavras em 1953, num dos textos que depois seria incluído na compilação que, em 1957, resultou no livro *Mitos, sonhos e mistérios*. Se já então o número de distrações era visto como vertiginoso, o que dizer de nossos dias, quando chegamos ao ponto da estimulação *non stop* que nos fazem os *gadgets* disputando constantemente nossa atenção? Mais uma vez, o desejo de pular para fora do tempo histórico se presentifica; o sagrado, não encontrando mais exemplares do *Homo religiosus* para se manifestar, tem um reduto possível em comportamentos míticos disfarçados pelo profano.

### 3. O sagrado no Instagram

Em busca de indícios materiais desses comportamentos míticos sobreviventes, mostraremos alguns usos da hashtag *sagrado* no Instagram, observando sua potencialidade de representar rastros de hierofanias possíveis, tomando como balizas as características espaço-temporais do mito anteriormente referidas: imagens simbólicas do centro (as várias possibilidades de representação da *Axis mundi*) e nostalgia da perfeição dos primórdios (imitação de modelos, fuga da história).

A escolha de uma hashtag tão literal tem a intenção de considerar, ainda que de modo mínimo, a noção de sagrado que anima o próprio autor da publicação. Trata-se, aqui, de uma ilustração, e não de um corpo empírico que é analisado em busca de provas ou refutações de hipóteses.

Na nossa busca<sup>6</sup>, obtivemos como resultado 56.861 publicações. A palavra *sagrado* é grafada da mesma maneira em português e em espanhol, de modo que esses resultados

---

<sup>6</sup> Realizada em 20 abr 2016.

incluem publicações originadas em países que falam qualquer uma dessas duas línguas. O aplicativo apresenta em destaque nos resultados da busca nove fotografias entre as mais populares (ou seja, que mais receberam *likes*, curtidas) marcadas por seus autores com a palavra pesquisada. Em seguida a essas nove fotografias, são apresentadas as publicações mais recentes.

As nove publicações apresentadas como resultado da busca pela hashtag *sagrado* foram as seguintes:

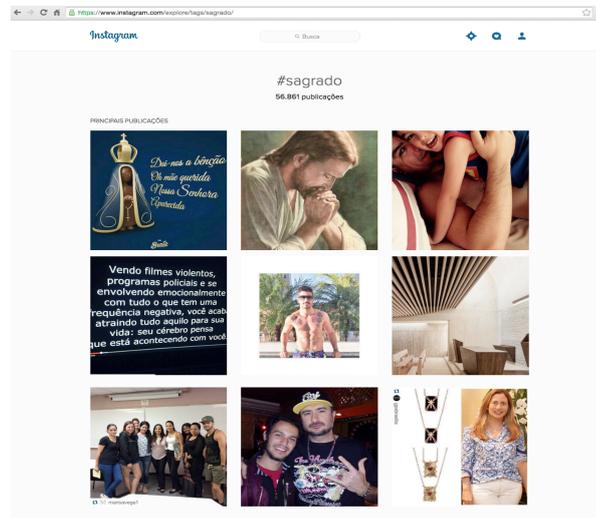


Figura 1: tela com os resultados da pesquisa pela hashtag "sagrado" no Instagram. Fonte: [instagram.com](http://instagram.com)

Dentre as publicações destacadas, sete têm sua origem no Brasil, uma em Porto Rico e uma em Espanha.

Como procedimento metodológico, adotamos aqui o que estamos chamando de *leitura simbólica*, que não recorre às técnicas tradicionais de interpretação de fotografia. Os estudos que temos feito a respeito das conexões entre fotografia e imaginário nos mostram que a decupagem da fotografia em unidades menores significantes, procedimento típico das análises de discurso e de conteúdo, não é capaz de dar conta da presença do mito no material estudado porque anula a possibilidade da experiência simbólica que é, como vimos antes, total e súbita.

Com o propósito de escapar do jogo decodificatório e tocar os beirais do símbolo antropológicamente motivado, buscamos inicialmente uma concentração interior, afetiva, direcionada à fotografia olhada, seguida pela descrição das relações, aí sim, conceituais que podemos estabelecer entre a imagem estudada e o referencial teórico adotado.

Entendemos as limitações que a escrita impõe porque é inevitavelmente codificada, mas também assumimos o fato de que não é possível prescindir dela na construção de um conhecimento que se quer compartilhado com a comunidade científica.

Procedendo, pois, a uma leitura simbólica das fotografias publicadas, cruzadas com os pequenos textos que as acompanham, pudemos identificar sintomas dos dois tipos de hierofanias cosmológicas referidos anteriormente, embora em desproporcionalidade quantitativa: uma publicação é remissível à territorialidade sagrada (saída do espaço profano) e sete são remissíveis à nostalgia do tempo primordial. Dentre essas últimas, seis são associáveis à simbólica da exemplaridade e a sétima é simultaneamente associável à exemplaridade e ao desejo de saída do tempo histórico através da intensificação (diversional) do momento. Temos, ainda, uma publicação destacada à qual não foi possível associar de modo mais conclusivo nenhuma simbólica capaz de remeter a rastros do sagrado no profano contemporâneo. Detalharemos a seguir os achados da leitura simbólica.

Iniciemos pelo grupo de fotografias que remete à motivação majoritária das hierofanias nesse estudo, qual seja, a do terror da história. A primeira fotografia destacada nesse grupo foi publicada na conta @hugogloss, mostrando o retrato de uma designer de jóias brasileira ao lado de quatro escapulários por ela desenhados:



Figura 1- fonte: hugogloss [publicação pessoal]. Instagram.com

O texto que acompanha as imagens diz: "A adorada designer @carlamorim... apresentou hoje para as brasilienses a esperada coleção #Sagrado !!! Dentre as peças de cunho religioso, destaque para os novos escapulários que são sempre objeto de desejo".<sup>7</sup> Podemos inferir aqui a associação da noção de sagrado que o autor da publicação faz com a iconologia cristã, mas é de se notar que o acento emocional não se coloca sobre o religioso e sim sobre a personalidade da designer (que é "adorada") e sobre o consumo das jóias (que são "desejadas"). A artista se desloca do plano comum para um plano especial; a adoração que lhe é dirigida, retórica ou não, imuniza-a das vicissitudes humanas. Colocada sobre o pano de fundo das hierofanias indicadas mais acima, essa publicação é reconduzível a uma fuga da opressão da história através da eleição de modelos garantidores da possibilidade de

<sup>7</sup> @hugogloss [publicação pessoal]. Instagram. Acesso em 20 abr 2016.

se escapar do tempo. No entanto, nesse caso o modelo não comparece como algo a ser imitado, e sim como fornecedor de um ingresso no seu próprio mundo através de um objeto por ele criado.

Nessa outra publicação destacada, a variação da manifestação do modelo a ser seguido se faz pela a auto-atribuição da exemplaridade:

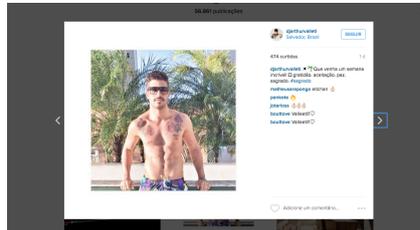


Figura 2 - fonte: @djarthurvalleti [publicação pessoal]. Instagram.com

A imagem mostra um homem jovem, portando óculos escuros, com o torso nu de modo a exibir músculos e tatuagens, promovendo uma associação fácil de sua figura à dos heróis, mais belos e mais fortes do que as pessoas comuns. O comentário do autor da publicação, que também é a personagem retratada na fotografia, diz: "Que venha uma semana incrível. gratidão. aceitação. paz. sagrado."<sup>8</sup> Especulamos que a postagem não apenas fala das atitudes ou estados de espírito que o autor tem ou deseja ter como também essas atitudes ou estados de espírito são aconselhadas aos seguidores<sup>9</sup>, de modo que o autor propõe-se a desempenhar o papel de exemplo.

Uma terceira publicação destacada também traz uma peculiar manifestação do modelo:

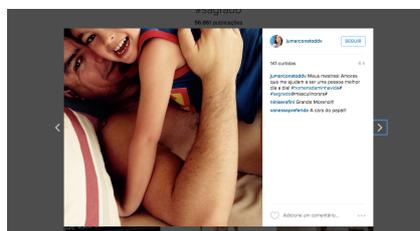


Figura 3 - fonte: jumarconatoddv [publicação pessoal]. Instagram.com

Seguindo a trilha que vai da iconologia pai/filho às profundezas do sagrado, chega-se facilmente à arquetipologia do Pai, o criador. Deus até pode ter ficado nas brumas da ancestralidade humana, mas sua lembrança persiste na figura do adulto que ampara e instrui a criança - o seu modelo exemplar. Mas, se buscarmos algumas informações a mais na

<sup>8</sup> @djarthurvalleti [publicação pessoal]. Instagram. Acesso em 20 abr 2016.

<sup>9</sup> Referimo-nos, aqui, ao usuário que se inscreve para visualizar as publicações atualizadas de outros usuários, por ele escolhidos, na página home da sua conta, mas, sem dúvida, a palavra "seguidor" se associa facilmente à ideia de "exemplo", "modelo".



se essa cena à ideia da hashtag que a acompanha (#sagrado), não estará distante a imagem da cumplicidade afetiva que pode unir um grupo, lançando-o, pela transcendência proporcionada pelo amor, fora do tempo comum.

A leitura da legenda nos informa que o grupo é constituído por alunos de uma universidade de Porto Rico e por uma correspondente da empresa de notícias CNN que fez uma intervenção em uma disciplina do curso de Relações Públicas, do qual eles são estudantes. Em vez de nos ajudar a especular sobre as motivações profundas que unem a noção de sagrado a essa imagem, a legenda apenas confunde mais ainda: se a senhora é uma profissional bem sucedida, o que a qualifica como exemplo a ser seguido, por que estaria tão deslocada do centro da foto? A cumplicidade do grupo não a inclui. Antes de concluirmos que *sagrado* definitivamente não remete a mais nada, clicamos no nome do autor da publicação para conhecer sua *home page* e nos deparamos com a informação de que se trata da Universidad del Sagrado Corazón, situada em Santurce, Porto Rico. Ou seja, nesse caso, a hashtag foi usada tão somente para indicar o local geográfico e institucional em que a fotografia foi obtida.

As outras duas publicações destacadas se associam à convencionalidade da relação entre o sagrado e a religião, no caso, cristã:



Figura 6 - fonte: @elarterreligioso [publicação pessoal].Instagram.com



Figura 7 - fonte: @sagradainspiracao [publicação pessoal] Instagram.com

Nessas duas publicações, se explicitam como atributos da exemplaridade a devoção e a mediação. A figura 6 traz o filho de Maria, ou seja, o próprio Deus, misteriosamente encarnado num homem, Jesus Cristo. A exemplaridade portada por Jesus e Maria é bem conhecida na tradição cristã. Jesus Cristo seria o Deus feito homem a fim de salvar a humanidade, que teria n'Ele um exemplo a ser seguido. O texto que acompanha a publicação retratada na figura 7 traz a transcrição do salmo 86<sup>13</sup> e é encimado por uma frase

<sup>13</sup> Livro da primeira parte da Bíblia (Antigo Testamento), constituído de salmos e cantos proféticos que hoje são utilizados como orações e hinos de louvor (https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro\_de\_Salmos consultado em 05 mai 2016).

que reforça a imagem: "Rezar com os salmos: a ti, senhor, elevo minha alma"<sup>14</sup>, ou seja, rezar como Jesus Cristo é o caminho para escapar à queda no tempo (elevar a alma).

A figura 7 representa a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, uma das várias configurações de Maria, considerada a mãe de Deus. A sabedoria popular brasileira recomenda: "Peça à mãe e o Filho dará". O texto grafado sobre a própria imagem publicada recupera o poder protetor de Nossa Senhora: "Dai-nos a benção, oh mãe querida, Nossa Senhora Aparecida", evidenciando assim o destaque ao atributo da mediação que acompanha a exemplaridade.

A figura 8 traz uma fotografia cujo tema é associável ao que contemporaneamente se chama de *matar o tempo*, ou seja, abolir o tempo através da diversão:



Figura 8 - fonte: @classic\_fellow [publicação pessoal]. Instagram.com

Dois rapazes, um deles sorrindo, com a cabeça levemente inclinada em direção ao outro, que passa o braço em volta de seus ombros e parece evitar um sorriso. A mão esquerda desse último rapaz adota uma variante da posição *hang loose*, característica de uma vasta gama de grupos, desde paraquedistas e surfistas até adeptos do estilo *heavy metal* e *hip-hop*, de modo geral significando "pega leva", "está de boas". Isso basta para indicar a associabilidade dessa postagem à reminiscência de um desejo mítico de saída do tempo comum através da diversão, do relaxamento das pressões impostas pelo tempo histórico.

Mergulhando-se na codificação do discurso verbal, somos informados de que o autor da postagem é o rapaz à esquerda e que a foto foi tirada numa casa de chá (*La Teteria*) em Úbeda, na Espanha. O rapaz à direita é Sho-Hai, um conhecido *rapper* espanhol que se apresentou naquela noite na *teteria* em questão. Posar ao lado do astro da música é entrar um pouco na sua dimensão, escapar da banalidade pela contato com alguém que encarna o supra-real, é furtar-se, enfim, à mesquinhez do profano. Como no caso da publicação apresentada na figura 1, a encarnação da exemplaridade, aqui, se mostra mais como franquadora da saída do profano do que como modelo de imitação.

<sup>14</sup> Tradução livre do espanhol, cujo original é "Orar con los salmos: a ti señor, elevo mi alma". elartereligioso [publicação pessoal]. Instagram. Consultado em 20 abr 2016.

Dentre as nove publicações destacadas, encontramos apenas uma associável a uma hierofania do tipo *Axis mundi*, remissível ao desejo mítico de saída do espaço profano e instituição de um espaço sagrado ordenado:

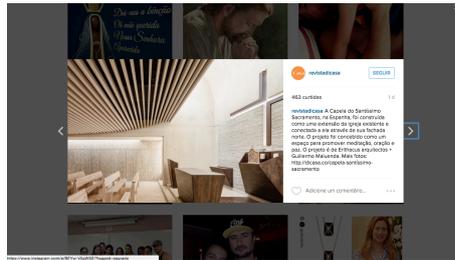


Figura 9 - fonte: @revistadicasa [publicação pessoal]. Instagram.

A associação com o sagrado nessa publicação acontece pela via religiosa, já que a fotografia apresenta o interior de uma igreja cristã. A autoria da publicação é de uma revista brasileira de arquitetura; seus objetivos comerciais deixam pensar que a hashtag *sagrado* desempenha aí um papel utilitarista, auxiliando a pesquisa de quem busca ideias para seus projetos de arquitetura, design, decoração. No entanto, diferente da publicação apresentada na figura 5, a hashtag foi escolhida para qualificar a imagem e não simplesmente para lhe indicar as coordenadas geográficas ou institucionais. É previsível que se remeta o assunto representado visualmente nessa fotografia ao espaço sagrado, nos limites do qual o caos se ordena. O ordenamento do caos nessa publicação se constroi pela suavidade dos tons, todos na mesma paleta bege, e pela disposição dos objetos de modo a formar linhas paralelas.

## 5. Considerações finais

Que fotografias trazendo assuntos com temas tão díspares tenham sido marcadas por seus autores com a mesma palavra, *sagrado*, pode ser curioso à primeira vista, mas não surpreende as vertentes arquetípicas dos estudos do imaginário, que encontram num subsolo comum a toda experiência humana a matriz dinâmica e fértil da produção simbólica.

Corroborando-se o postulado da permanência do mito e do sagrado ao qual ele reenvia independente da época histórica em curso, é necessária a introdução de matizes de fertilidade simbólica a fim de se verificarem e compreenderem as hierofanias contemporâneas. Durand (2011) já indicou essas gradações de fertilidade com a noção de "trajeto do sentido", situando num polo as forças pulsionais, constitutivas do subsolo antropológico em que se abrigam os arquétipos, e noutro polo as forças sociais, onde se plasmam as fenotípias do imaginário. Na dinâmica entre esses polos, se situaria a produção

simbólica. É certo, então, que as manifestações mais evidentes do simbolismo, aquelas tomadas como material de estudo para as Ciências Sociais Aplicadas, guardam relação necessária com o subsolo fértil e invariante.

O esforço racional da cisão entre sagrado e profano foi exercido durante os milênios na busca do progresso, do desenvolvimento, do aprimoramento das faculdades intelectivas. A fotografia participou desse processo, sendo mesmo uma de suas realizações bem sucedidas, e a cultura midiática parece ter sido seu paroxismo: finalmente, tudo pode ser sagrado, ou seja, nada mais o é.

Não é possível saber se a hashtag *sagrado* foi além do signo (junção mais ou menos arbitrária entre um significante e um significado) nas publicações do Instagram que ilustram esse trabalho, mas foi possível verificar que o desejo mítico de libertação da história profana se manifestou abundantemente, atestando a sobrevivência do sagrado na contemporaneidade.

## Referências

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. A permeabilidade da fotografia ao imaginário. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, 11(3):185-191, setembro/dezembro 2009. DOI: 10.4013/fem.2009.113.03

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Editores, 1999.

CAZENEUVE, Jean. **L'homme téléspectateur**. Paris: Denöel-Gonthier, 1974.

CONTRERA, Malena. **Ontem, hoje e amanhã**: sobre os rituais midiáticos. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 28, dezembro 2005. p. 115-123

DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris: Dunod, 2011.

\_\_\_\_\_. **Introduction à la mythodologie** : mythes et sociétés. Paris, Albin Michel, 1996.

\_\_\_\_\_. **L'Imaginaire**. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Paris: Hatier, 1994.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo, Mercury, 1992a.

\_\_\_\_\_. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. São Paulo, Perspectiva, 1994.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 1992b.

FISCHER, Rosa Maria. **O mito na sala de jantar**. Leitura interpretativa do discurso infanto-juvenil sobre televisão. Porto Alegre : Movimento, 1993.

MACHADO, Arlindo. A fotografia como expressão do conceito IN: **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 120-138.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **Iconologies**. Nos idol@tries postmodernes. Paris: Albin Michel, 2008.

\_\_\_\_\_. **O tempo retorna**. Formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2012.

OTTO, Rudofl. **O sagrado**. Um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e sua relação com o racional. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1985.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **La vie des images**. Grenoble: PUG, 2002.